

Indice

Prologo - 1.

- Cap. I. Sobre o amor common - 3  
" II. Sobre a estimativa ou licenciamento. 4.  
" III. Sobre a liberdade - 5.  
" IV. Sobre as creações da imaginação - 6.  
" V. Sobre a syncretismo psychico. 9.  
" VI. Sobre o corpo e a alma - 11.  
" VII Sobre o concerto material de alma - 12.  
" VIII Sobre a vontade - 14.  
" IX Sobre a observação da vontade - 16.  
" X. Sobre a vontade e suas distinções 17.  
" XI. Consequências - 20.  
" XII. A Intelligenzia - 18.  
" XIII. Sobre a natureza relativa das impressões - 21.  
" XIV. entre a alma e o corpo - 19.  
" XV. Sobre a consciencia - 21.  
" XVI Sobre as ciencias - 22.  
" XVII Sobre a força dynamica Rocking - 22.  
" XVIII Sobre a liberdade - 24.  
" XIX. & bom habito a ignorância - 25.  
" XX. Sobre as paixões - 5.  
" XXI. A natureza d' alma - 28.  
" XXII. Uma ação é relativa. 35 e 36.  
" XXIII. Homem seu animal - 37.  
" XXIV. As tentações violentas - 39.  
" XXV. 8  
" XXVI. Os excessos - 40.  
" XXVII. Consequências fatais - 41.  
" XXVIII. Tentações - suas variações - 41.  
" XXIX. Imposturas opaques - 42.  
" XXX. Fraude necessaria - 44.  
" XXXI. Dous processos opacos etc - 45.  
" XXXII. Uma falsa consequência - 46.

LM-0095

B. Valumbrosius.

*Psychologia Asctica.*

# Prologo.

J.  
LM-0095

Na vida de relações em psychologia faz-se preciso, distinguir duas movimentações; um de fora para dentro, e outro, de dentro para fora.

As primeiras correspondem as actas que têm por ponto de partida um objecto exterior, e as segundas, correspondem a inclinações para com este mesmo objecto, suscitadas pela impressão que este produzir no órgão respectivo.

Esta dupla função, que se verifica tanto no homem como no animal, é conhecida com os nomes de facultades appetitivas ou sensitivas inferiores e superiores, isto é, intelectuais.

As facultades sensitivas, tanto no homem como no animal, não atingem somente ao corpo ou à alma; nem só uma substância que resulta da união da alma com o corpo.

No animal estas inclinações são por objecto a particular e concreta, no homem, porém, elles se extindem também ao abstracto e universal.

Aém destas inclinações há outras que têm por fim a conservação do indivíduo e da espécie. São as do appetito sensitivo natural.

Dizem designações que qualquer perturbação em serviço ministerial menor notável das entidades nervosas, fará com que o individuo entre em um estado anormal que constituirá para perturbar as suas operações.

que se refere à vida de relações entre o psychismo intelectual e o animal em sonhos.

E um dos grandes factos destas perturbações, tem sua origem nas paixões, salientando-se entre elles, a da affição, á qual podemos reduzir todas as outras paixões; mas não as que se referem ao concepçivel, mas também ao irascível.

Daqui se deduz que, pelo facto do homem gozar da liberdade de ação e de efeitos, tem obrigações e dever de submeter aos dictames da razão. Todas estas movimentações ou tendências, ainda que harmonizam com as inclinações do psychismo animal; e não só quanto à substância, mas ainda quanto aos accidentes ou às circunstâncias concomitantes, muitas vezes contrárias aos seus deveres, vocações e profissão social.

### Tendencias suas variedades

A, tendencias humanas correspondem às tes facultades que possuímos, isto é, à intelligença, à sensibiliade e à vontade, as quais têm os seus objectos adequados.

Algumas, é em virtude da intelligença que o homem tende ao verdadeiro, ao bom, ao absoluto e universal.

E' dado as facultades sensitivas que elle tende ao bello, ao estetico e ao sublime. E finalmente em consequencia das actos da vontade que elle resulta naturalmente inclinado a pôr em, mandar, a procurar e conservar o bem nome, a ultima e a consideração.

Estas tendencias quando são demasiadas ou mal orientadas, degeneram em vícios e paixões; as quais podem ser redagidas as tendencias do amor passional mal orientado ou degenerada. Pelo contrario, quando bem dirigidas pelos dictames da razão só podem contribuir para a integridade moral, intellectual e phisica da creatura racional.

Infelizmente não bem poucas as que enquadram um domínio absoluto sobre as mas passaes e maus interesses, porque, em geral, os motivos que lhe as dão a dominar - as são puramente naturais, e na pri-  
meira que, em um auxilio espe-  
cial da graça, é impossivel,  
humanamente fôrmos, sujeitas,  
mas obstante a tão vontade e as  
espécies que empregamos.

Capítulo Dónde procede o fundador da vontade sensitiva.

O fundor que a vontade sensitiva manifesta, acostumando muitas vezes a vontade intelectual, procede, em geral, do mau hábito, o qual, antes de qualquer determinação da vontade, propriamente dita, age impulsivamente pelo automatismo desenfreado.

Porque, em quanto a causa material das paixões e maus instintos reside no psychismo animal; não obstante isto, a causa formal reside n'alma, a qual com o corpo que ella informa, goza a seu modo. E é por isto que afirmamos que o pecado está n'alma e que as paixões e maus instintos estão no corpo. Recriminamos que, se a alma humana fora como a do animal, o homem não poderia pecar, embora, como o animal, tivesse as mesmas paixões e maus instintos; porque nessa hypothese, exercendo o livre arbitrio, as suas tendências, semelhantes ao do animal, constituiriam para elle uma lei fatal, da qual nunca se affectaria.

Quem, portanto, goza, não é nem só a alma nem só o corpo, mas a alma e o corpo na unidade da personalidade humana; isto é, o homem.

A alma goza a seu modo por intermeio do corpo que ella vitaliza; e o corpo, por sua vez, goza, porque informado pela alma, percebe as impressões que chegam ao campo da consciencia sensitiva.

Mas que gozo é este?.. É o gozo que move os movimentos d'alma, provocados pelo mesmo objecto que modificando o psychismo animal,

var a reflectir no psychismo intelle-  
ctual; o qual, tratando-se de objectos  
proibidos pela lei divina, constitue  
o pecado, se houver previo conheci-  
mento do mal e pleno consentimento.

### Capítulo Uma falsa consequencia.

Noticaro o animal está em me-  
lhores condições do que o homem; porque,  
impulsionada pelos seus instintos, não peca-  
nem quando tem de nem quando goza.  
Sóis tudo o que achais de diger é uma  
verdade; mas também é verdade, que,  
além desse gozo material e puramente  
animal, não lhe é dado experimentar  
as consequências do bactare e reagir  
contra estas tendências prazermen-  
tes, que em sua luta e reação  
consciente, a reduziria as condições  
de um ser irracional, e pura-  
mente uma occasião de elevar-se sobre  
si mesmo e tornar-se, e, pelas merce-  
ncias de f. Christo, cada vez mais digno  
de quem o creou para si e para  
a sua gloria.

Ei por este motivo, que Deus per-  
mitiu que o homem fosse tentado  
pela própria concupiscência e por  
Satanás, afim de que elle tivesse oca-  
sião de reconhecer o seu supremo  
domínio sobre elle; profundo a  
sua graça, a todas as pragas que  
o mundo, a carne e Satanás lhe  
morreriam.

Disponição admirável, em que se  
encontram que as consequências  
da culpa original, é mais uma  
consequência da sua misericor-  
dia e do desejo ardente que elle  
tem que, cooperando à sua  
graça, passarmos, pelas mercências  
de f. Christo, atingir aquella glória

que, ha nulos, elle tem preparada para aqueles que o subsejam - acompanhar com a sua Cruz as costas, quem com elle vimos estando.

Tenivel, suponham, no menor tempo, da sua justica, que, fuisse dividido que o espírito das trevas, nas tentas, e que apovoadando-nos della o tentador, para nos puder, tem contestado, mas só para que as suas vitorias se salvoassem, mas também augm- tasse os seus movimentos para a vida eterna, tornando assim mais intensas as suas sofrimendas eternas, desde aquelle dia em que elle unam tentar a primaria mortem no prauiso terrestre.

### Capitulo A impossibilidade apparece.

Não só para os que vivem da vida do mundo permane impossível a chavonaria de celos preceitos; mas também para muitos que creem e praticam a Religiao. Mas todo isto não para mais de uma sugestão de Satanas ou do amor proprio, o qual quase sempre se ri com os proprios esforços e astvidade natural; procedendo, não obstante isto, em practices de tal forma que com os factos estam a contradizendo a credo passo seguindo o pecado. E a razão disto está em que elles vivem um um falso suporto, qual é o de presumem que para vencerem certas tentações inhumanas, é suficiente a boa vontade aliada aos proprios esforços e astvidade natural.

O que se faz, nem mais é que, depois de convidados, quivam de facto faga violencia a si proprio esforçando sa graça com muita promptidão e generosidade; por quanto esta cooperação já constitue uma graça sagrada. Bem não costuma considerar a não ser que reconheçamos a tua misericórdia e a paciencia com condescendência, humildade e perseverança.

E suposto que assim procedam, só tens resta aprofundar das occasioes ainda que insignificantes, para mostrarem o seu desejos efficaz de perceber o bem, numundo todys as inspirações divinas que por ventura lhes forem sugridas por intermedio do proprio confessor ou de quem ordigne na esfera da profecia christan.

E a vos quizedes convencer do que acabamis de dizer, proced em prática, antes de tudo, a meditação systematica para com vos mesmos, sobretudo com relações a vitta e o tacto.

No começo encontrareis alguma dificuldade, pelo mal hábito adquirido, ignoram, re-puramente, em virtude dos hábitos contrários aos de autorra, experimentais tal bem estar que muito contribuiria para que fizessem progresso com grandes probos mas caminhos que condizem a purificação. Pelo que, quando, sem voltardes para traz, só cuidareis em avançar; com o valor das tentações, que quasi que não sentireis o peso do involucro da matéria; porque vovo corpo começará a viver mais da vida e das suggestões do espírito do que da matéria. E muitas preciosas venias e imperfeições que tanto vos attribuiriam e impediram o voso progresso

spiritual, não de desfazer o que é feito  
incerto. E o que mais vos ha de admiração,  
é que as provações d'ante ora, já não  
produzirão aqueles efeitos que tanto  
vos desanimaram e vos pareceram  
insuperáveis, em vista do bom hábito  
adquirido e a graça santificante conve-  
nida habitualmente em vossas almas,  
agora unidas intimamente com Deus.

### Capítulo Sobre o senso. commun.

O senso. communum ou consciencia re-  
ntiva, é o orgão por excellencia  
da vida de relações; porque elle  
é pelo seu intermedio que o indivi-  
duo tem conhecimento do que  
se passa no mundo exterior.

O orgão correspondente à consciencia  
sensitiva, é o encéfalo ou o  
sistema cerebral espiritual, o qual  
esta ligado a cada um dos órgãos  
da psychoparia pelo sistema nervoso.  
A consciencia sensitiva, por este motivo,  
esta em relação harmonica com todas  
as sentidas e preche todas as mensagens  
e as diffusões.

Elle tem dois objectos em cada uma  
das coisas que a impressionam: Um,  
proprio e directo; isto é, a mesma;  
e um outro indireto ou suge-  
claris; isto é, o que corresponde a  
cada um dos sentidos.

Pelo que, sem o auxilio dos sentidos  
e do orgão correspondente à con-  
sciencia sensitiva, os phenomenos da  
vida de relações se tornariam im-  
passíveis; porque é sobre os dados  
fornecidos pelos sentidos, que são  
elaborados os productos da vida  
de relações entre o psychismo  
animal e o psychismo intelle-  
ctual.

A estimativa ou discernimento é  
é a facultade instinctiva que tem  
tanto o homem quanto o animal,  
de distinguir o que lhes convém ou  
não. É uma faculdade interna de  
qual tem por órgãos o cérebro infel-  
mado pela alma, e é o que consti-  
tui, propriamente falando, a intelli-  
gência do animal em a convi-  
vencia social.

No homem a estimativa é incom-  
paravelmente superior a do animal,  
porque elle participa das qualidades  
das facultades superiores intelectivas.  
Elação que como o homem, tam-  
bem o animal, possui discernir  
o que lhes convém ou não, o ani-  
mal com consequencia de um  
conhecimento material e instinctivo,  
que traz para elle uma lei fatal;  
não acontece, porém o mesmo com  
o homem & ~~que~~ <sup>ou</sup> ralem do instin-  
to natural. Nesta parte da intelli-  
gência a qual elle deve amoldar-  
se, nun se descer lhece segamente  
pelo instinto material como o ani-  
mal.

E é precisamente este duplo instin-  
to racional e material, que dão  
origem à esta dupla <sup>timidez</sup> lei, aquela  
S. Paulo da o nome de lei, porque  
realmente as inclinações da carne  
constituem uma lei do pecado  
assim como as sa razões alieni-  
nas pela fé, constituem uma lei  
da graça.

10

## Capítulo Sobre a liberdade.

Compreendo a liberdade proceder da intelligença, i. não obstante isto, um acto da vontade.

Pelo que, se o individuo não estiver em condições de poder determinar-se, isto é, se lhe faltar a liberdade, elle não poderá agir como seu racional. E esta é a razão por que elle em estado hypnotico, agindo sob o impulso da sugestão, é impossível prever suas ações, a não ser que se prove o contrario.

Porquanto o exercício da livre arbitrio, até certo ponto, depende do estado do organismo e ainda mais das condições morais e materiais em que o individuo se acha. Puis, as duas faculdades que directamente cooperam para o acto livre; isto é, a intelligença e a vontade, dependem em seu exercicio das faculdades sensitivas. Elas estão sujeitas a estes órgãos; e portanto, o seu funcionamento normal, está subordinado à integridade funcional do organismo.

Pelo que é necessário levar em conta as condições do individuo tanto physiscas como morais e intelectuais, o sompnumento, as propensões inquietas e adquiridas, como também o modo em que vive; porque tais condições e circunstâncias muito podem influir sobre o exercício da livre arbitrio.

Em todo caso, ainda assim o individuo é sempre responsável, enquanto puder encontrar uma alternativa a sua favor em tais circunstâncias constitutas. Torgue ainda que a vontade

11

rij o principio das almas necessárias, em  
em posse de um bem que lhe  
foi apresentado pela intelligença,  
ella o recusa necessariamente. Porque,  
apesar de possuir a facultade de pensar,  
não em mais em alguma causa; con-  
tudo, se voltarmos a nossa atençao  
para esta causa com um certo agrado,  
ainda que obliquamente, não per-  
mos deixar de a desejá-la, e por con-  
sequente, também todo aquillo que,  
no momento, nos parecer <sup>mais</sup> necessário  
para a conseguir.

Mas tudo isto que nos parece necesa-  
rio para completar a nossa felicidade  
real ou aparente, quando entramos  
na posse do objecto desejado; com-  
prehendemos perfeitamente que neste  
caso, o exercicio da vontade não  
não se tornou necessário, nem para  
nos orientar na aquisição deste  
objecto; pois, se fosse necessário em  
não mudariamos de opinião  
de norte para o dia, como tantas  
vezes sucede.

### Capítulo Sobre as evocações da imaginacão.

A imaginação pode formar  
novas imagens provenientes de outras  
imagens ou meios objectivas percequi-  
ridas e que ficaram armazeadas  
na memória sensitiva. Não pode,  
porém, refuzit- as a realidade, se  
não for refutada pelos sentidos.

Pode, porém, em excesso, perder-se  
por si agir ephantasiar causas,  
muitas vezes, que já nem cabem;  
como muitas más ondas e amiss-  
mundo em estado de vigília.

Porque, cegante a excesso dos sentidos,

fl.  
2.

ainda assim, na fantasia con-  
tinua, muitas vezes, a operar por  
conta própria e do automatismo,  
edificando mil castelos no ar.  
De forma que, se a fantasia não  
cessar de operar, nenhuma impren-  
são que associasse as idéias e as  
imagens qualqueria, comporha  
varias outras idéias ou imagens,  
não obstante não se encontrarem  
as uns objectos correspondentes  
nós. se com relações a objectos intui-  
tivos e materiais; mas ainda com re-  
lações a objectos immateriais e spi-  
rituais; as quais, conquanto falsas,  
erros, um mixo e contradictórias;  
em tudo, constituiriam uma reali-  
dade subjetiva; porque a alma  
julgá dos objectos pelos seus phantomas  
correspondentes inventados pela sua  
gimnásio.

Amin é que, se a consciencia uni-  
tiva, não funcionar, os productos  
da intelligencia, as suas apprehen-  
sões, e subsequentes memácias,  
serão igualmente falsas, erróneas,  
um mixo e contradictórias, não obstan-  
te o individuo se mostrar comuni-  
cado do contrário.

Mas isto se dá quando elle se acha em  
estado de poter meios para, embora  
erronamente.

Na casas, porém, unque o racio-  
cínio se torna impossível, como  
acontece com o individuo que  
esta intiramonte sob a ação da  
phantasia ou do automatismo  
dominado.

Ele agiria, então, como um automa-  
to, cujos movimentos e operações

não são mais do que uma resultante da ação reflexa dos centros nervosos, provocada pelos objectos que actuaram sobre aphantasia.

E neste caso, elle acha nas condições de uma fúria que sofre, sem que possa conscientizar o que se passa em seu interior e em volta de si.

E é bastante olhar para o seu semblante, para se perceber que elle age e vive sob o influxo da vida primamente orgânica ou vegetativa.

A sua attenção está' absorta ou pelo menos, muito dispersa; ponto que se torna para elle impassível a consciência sensorial e com mais razão, a consciência intelectual ou reflectida.

Elle é um alienado de si proprio, ou delirante; e por conseguinte, irresponsável pelos seus actos, ou não sei que se prove o contrario.

Na vez que nos parece que a imaginação representa, não uma imagem, mas sim o mesmo objecto imaginado, e na vez também que, como vimos, elle pode formar novas imagens que se originam de imagens e ideias já adquiridas.

No primeiro caso, devemos lembrarmos que para reconhecermos as coisas que imaginamos, não só ou não verificámos, é preciso que pertençam àquilo ao que nos diz a inteligência a respeito destes factos. Porque, todo quanto passa de alguma sorte impede a inteligência de julgar sobre a realidade ou não realidade, das coisas que imaginamos; para eu-nos-ha, não fa que imaginamos

14.

em precebemos as imagens dos objectos, que imaginarmos; mas seim os mesmos objectos em si, tanto por parte da alma como do corpo, animado pel' alma.

Por parte da alma, porque, todas as vezes, que a alma volta a sua atençāo para um objecto, ella impõe toda a sua força e actividade no exercicio de alguma das suas facultades, permanecendo as outras, como que tolhidas da sua exercicio.

Pelo que, sempre que ella se volta para aphantar ou imagem do objecto, representado pela imaginacāo, permanecendo em dúvida sobre a sua realidade; e, muitas vezes, sobre a sua communica ou descrença.

Por parte do corpo, porque a elle, por exemplo, no ramo, como acontece com os que marcham, ou ainda fom do ramo, como a da cana fabricantes, não é capaz de fitigar-nos de raciocinar sobre a realidade dos factos. *Vid. pag 10*

### Capítulo Sobre o dynamismo psychico.

É preciso termos em mente que os orgãos correspondentes á certas modificacāes que se dão em nosso phisico, se comportam como os ~~meus~~ meus reflexos, os quais, provocados ou não, seguem o seu curso natural; e neste caso, seria mais difícil, em certas occasiões, impedir os seus effeitos do que descalçar os pés, quer em sua marcha; porque ainda que indiretamente provocados, mas não interionados, não perturbam os attribuidos ao individuo senão em causa, com tanto que elle não se deixe levar pelas suas naturais atrações.

Pelo que temos dito com relação aos venturosos intentos, desejamos que é necessário edeçal os saímos de que mais nos servem na oportunidade fin pôr que Deus nos cuon e nos colla-  
-car aqui sobre a terra. Poque, nun este expediente, vãos serão todos monos infelizes para alcançal-o. Pois é certo que quanto mais o rei se appropria da felicidade que é inherent a sua natureza, tanto mais sentir-se-ha feliz.

Orá, estes esforços que fazemos para elevar estas faculdades, já constituem um novo inicio que nos condagirá em uma felicidade inde conuentânea à nossa natureza racional. Pois quanto é por esta ultima coberta de vogas e de impulhos, que já aqui no tempo conquistámos animo-nos intimamente com Deus pela caridade perfeta, aquela em o domínio sobre nos mesmos, é impressionel.

Avalia um pouco no princípio, mas com a continuação metódica, a perseverança e o auxilio de Deus, tornar-n-lá facil, em virtude dos bons hábitos que iremos pouco a pouco adquirindo. Tudo entâo, tornar-n-lá mais se mais fácil; mas, além disto uns, consolados, muito embora ate a desventura hora, não nos user de importunar as consequências da batalha para nos conservarmo-nos sempre fiel a Deus; ora, de uma forma, ora de outra forma; mas que, em ultima analyse, não sejam senão despojados amores daquelle cum a qual sentimos que estamos intimamente unidos.

## Capítulo I. Dynamismo psychico.

É preciso termos em mente que as organizações correspondentes à certas modificações que se dão no physisco, se comportam como as das nossas reflexos, os quais, provocadas ou não provocados, seguem a sua marcha natural. E neste caso, seria mais difícil, em certas ocasiões, impedir as suas effeitos do que elencar as provocações em sua marcha, sem nos preocu-  
parmos-nos de que possa existir um modo; porque, ainda que indireta-  
mente provocadas estes modificações;  
mas não convidadas, mas nas circun-  
stâncias, e se o forem; seriam tam-  
ente um causa, com tanto que não  
nos dissemos levar pelas suas matérias  
intencionais nem nos deletoras.

Não sentires assim, se estas modificações se manifestarem espontâneamente.

Pelo que desejamos que quando a dynamismo psychico, ou physiologia, se realizasse independente da cooperação de nossa mente;  
então, se nos restaria a obrigação de resistir as suas tendências ou in-  
clinações. Porquanto é precisamente  
esta resistência que está a regredir  
a perfície cristã; assim como, em  
processamento contrário, engendraria  
o vício e más raras regras, e más  
habitos.

## Capítulo II. Sobre a corpos e a alma.

Sentimos com a alma, por intermédio do corpo, vitalizado pela  
nossa alma. E é por esta razão que  
não atribuímos somente à alma ou  
sómente ao corpo, as sensações que  
experienciamos; mas sim, ao homem  
que resulta da união substancial da  
alma com o seu próprio corpo.

18

Em segundo lugar affirmando que o corpo com todas suas organos ativos e passivos, entram em actividade, em consequencia da proxima da alma, que, qual forca viva o arrete, informa e vitaliza; e que, consequente os phenomenos que se dão, resumindo consequencia immediata das modificaciones produzidas por um agente extrinseco; talvez mais nos é licito atribuir - os somente as propriades inherentes ás estes organos, sem a influencia mediata e imprevisivel da alma, a qual é tão memoria, que se prescindimos dela, os organos desacarão de funcionar a todo o nr humano, quanto a parte material, tendrá a recolher na sua massas elementares mais unigales.

A alma, portanto, e o corpo agem e reagem conjuntamente na unida, da personalidade humana, como um todo harmonico e substancialmente unido.

Aqui deduzimos que, tratando - se de phenomenos independentes da massa vontade, o concerto da alma é puramente material.

Não podemos dizer o mesmo com relacao aos actos voluntarios, porque nesse caso, o concerto da alma, alia de nr material, e tambem formal, e por consequente espontaneo e voluntario. Faki a culpabilidade, a inculpabilidade e o merecimento, segundos que se trata de um acto preenominoso, indistinto em suu territorio.

### Capitulo Sobre o concerto de mecanos almas.

O concerto material da alma humana, com relacao aos objectos que podem affectar as suas faculdades, e superiores e inferiores, constitue, muitas vezes, a causa por que algumas pessoas, alias piedosas,

19

n' affligem e chegam sa supor que  
pescaram. E não tem razão, porque  
tão impressiona um tendencias tanto do  
psychismo animal como do psychismo  
racional, n' manifestam na unida-  
da personalidade humana; e o indisti-  
-duo, não obstante distingui-los, sente-se  
inclinado a nebulos-los, originando  
se talh' a lata entre os dictames  
da razão e os mais instintivos, e talh'  
também as durezas e incertezas. Mas  
em tais emergencias tão angustiosas,  
se vêm piedosos resistir maland-  
mento, se - nos - ha provisão com  
a graça, resistirnos moralmente.  
Ha um' outra circunstancia que  
pode contribuir para um falso  
suposto, é viva a si, que vinda em  
nos a alma que sente, pensa e se  
emociona, embora por intermediação  
do corpo, põe-nos tra que real-  
mente provavimos, não nos lem-  
brando muitas occasões de extremas  
confusões mentais, que sentiu e con-  
siderou má i' a mesma causa, e  
que, no maior caso, para que hou-  
vesse pescado, ravia pescado que  
sentindo, convicções nos que sem-  
temos.

Quando pescam, fazemos de alguma  
forma repello, o pescado positiva-  
mente e inconscientemente, devendo  
na nossa abstinéncia para qualquer acto  
arrompto e recusando a Deus com talh'  
calma e confiança.

Mas se o objecto em si i' bom, e só  
pelas circunstancias concomitantes  
ou accidentais, fadi tornar - se más  
ou perigosas, procuramos moltas de  
objecto um esquematismo do que i'  
capaz de o evanescer.

Durante ao corpo e aos órgãos que a con-  
stituem, tratando - se das orgâos de vida  
orgânica ou vegetativa, também i' possi-  
vel indirectamente influir sobre ellos.  
E logo - se o mesmo sobre as agentes ca-  
pazes de actuar sobre o phisico, aqui-  
tendo as diretas ou indirectamente de  
conformidade com os dictames da razão sa fi-

**Capítulo**      Como exerceremos ista  
     Salutem nascit sobre os sentidos.

Somos agir directamente, sobre os sentidos inteiros, procedendo de tal forma que os nossos órgãos correspondentes não percebam os atingidos pelos uns objectos imprestáveis; e indiretamente, exercendo a ação que cada um delles possam exercer sobre as outras.

Principiagmos sobre a visão-comum, removendo todos os objectos, que por ventura podessem impressionar os órgãos purípticos; e, por este mesmo facto, agiremos indiretamente sobre a memória e a imaginação.

Agimos sobre a memória, evitando toda lembrança, proviniente ou sentimento, que fosse accaso fraca influir sobre aphantasia; e assim agiremos indiretamente também sobre a visualização.

Agimos sobre a imaginação, não dando occasião a que ella passasse a ser fulgor, desenho e phantasmal; e desta maneira, agiremos indiretamente sobre muitas ideias, sentimentos e sentimentos; e por conseguinte, conseguiremos esse domínio ou equilíbrio primitivo, onde tanto origem aquella faz e tranquillidade, tão grande sofreram nossos primiros pais, e da qual ainda hoje gozam as almas justas, pelo puro habitar de graça, remansante e pelas esforças que fazem para progredirem cada vez no mesmo caminho que conduz à profecia christiana.

Quer, i' tra força de vontade, e esta força todas a premem, quem mais quem menos; porque a força da vontade i' para o homem racional o que o sistema nervoso e muscular, i' para o homem animal.

Ela i' spontânea, e niva, o movimento onde reside na força psicológica, e por conseguinte, a maior das forças, porque elle só possê a videnta por si mesma; isto i' pela propria vontade, aquela ella irradia como a mais perigosa das energias, qual i' aquela se manifesta pela força moral.

O que a fiz preciso, i' saber quer, porque a maior parte dos que digem que tem força de vontade, a não possuem senão aparentemente; pois, em praticas, agiu elles mestram pressuir, e apesar uma videntade ou uma vontade um estado embrionário.

Todavia com estas, as consideramos como um comutar ou disputar de vontade ou uma luta e incerta transição - de intenção para o acto; cujo tumulto oscilante, depende da determinação de um agente capaz de mostrar effragamente. Porque a vontade i' como o motor que tem em si, proum, em praticia, niva força; - aquela só pode reduzir-se ao acto ou por si em accão, mediante um agente.

Or, ista força niva ou agente i' a sa intelligencia ou a sa propria vontade, agindo por si, depois de uma pruvia consulta com a razão, raiz e fundamento da liberdade humana.

21.

Este agente, portanto, é o que, pela intelligença e, indirectamente, pelos sentidos, move e impelle a vontade a operar livremente, ou pela necessidade inherent à sua natureza.

Assim a força de vontade o empurra a actividade que manifesta o homem para se livrar da morte do pecado, impelido pelo amor de Deus e o seu próprio interesse na vida eterna.

E' força de vontade os meios desquais se servem as almas justas para se viverem e se elevarem na perfeição, no intento de unificarem a sua vontade com o divino bem-placito.

Por ultimo, diremos que a vontade, quando bem orientada, é calma, reflectiva, racional, constante, prudente, raffedora e apurada; cheia de confiança em Deus e resignada, é forte, energica e ao mesmo tempo daisy, flexível, malável, e que em suas conseqüencias, se põeem muito com a caridade, aquela que a tudo e de tudo triunfa ate da si propria e da mesma morte.

Cap. Sobre a orientação da vontade.

A vontade como toda e qualquer facultade, é por natureza profita, e por consequente capaz de atingir os fins pelos quais nos foi concedida. E se attingiu-se na culpa original não houve abalo profundamente a natureza humana, transformando-a de tal forma que bem difficilmente o homem poderia ser reconhecido como tal, se não pulle dia em que o primeiro casal se voltou contra o seu Creador, não lhe fôr promulgado um Salvador.

Porque, como queremos ser humano, pela sua origem e fins pelos quais Deus o destinara, todo fôr perfeito, não obstante vito, esta profecia, dividida á circunstâncias, em parte, delivrou a sua vontade, e em parte pela falta de cooperação d'ela, ha ocasiões em que a humana pensa e age como se fôr um ser iracional, por causa da falta de uma boa e justa orientação da vontade e da intelligencia: Por falta de uma boa orientação de intelligencia, porque quando um homem dirige-se a não existe, a não ser a la razão natural, elle estardá sujeito a muitos erros e destes erros também a vontade ha de resentir-se.

Por falta de uma boa orientação da vontade, progresso, ainda que esta faculdade só devia tender ao bem, com tudo, muitas vezes, desliza do bem para seguir o caminho opposto.

E' membro, portanto, principal-n, tipico-al-a equal-a pela razão bem ordenada, para que possa proceder de conformidade com o que é consentâneo à natureza racional.

Felizmente a vontade, <sup>conquanto</sup> assiduamente enfraquecida pela culpa original,

ainda convive a necessaria 1123.  
urgencia para agir e magis morintio  
de optar pelos caminhos que o con-  
dizem á perfeição.

E é assim que, revestido o homem  
dor um prometido vigor pela graça,  
tornar-se-ha admiravel em numeros  
prudentes. <sup>Paus</sup> ainda que, no  
principio da sua conversão, praticue,  
em substancia, a perfecção, tempos  
vivá em que elle penetrará em uma  
região desertoizada, cujas attrac-  
ções, intervar-lhe-ão de muitas co-  
rações de tal maneira, que  
intuitivamente transformada, a  
verá se sentar-se aos pés de Jesus  
Christo como Maria, enquanto  
que a Martha da sua vontade,  
então tão preocupada com as  
causas materiais, comprehenderá  
que é haja mais felicíssima, porque  
tendo tocado o seu papel de  
Martha, filha da Maria, encherá  
com perfeição, não humana,  
mas divina o que antes era nunca  
lograra passar, por falta de uma  
boa orientação da vontade e da  
intelligençia —

Capítulo Distúrbios da vontade.

O infraquecimento ou deficiência da vontade, é devido a uma aberração da inteligência ou do appetite sanitivo. A falta do seu poder inhibidor é uma consequência de certos estados anormais ou dantios, nos quais a vida de relações a morte mais ou menos profundamente alterada.

No caso de infraquecimento ou deficiência da vontade, o indivíduo é ainda senhor de si e é responsável pelos seus actos.

No caso, porém, em que a vida de relações está mais ou menos perturbada, elle não é responsável pelos seus actos, a não ser que se prove o contrario; porque elle age inconscientemente sob a ação do psychismo animal ou do automatismo. Em last caso, ainda aqui, elle pode ser culpado indiretamente, enquanto que, prevenido as consequências, pela experiência própria, impõe-se temporariamente a evitar ou evadir em tentações. E passa, portanto, que, rompido ou não, regista que a causa era ou não grave, ainda mais se consentir em se dilatar das suas obriguecências. Porque se a vontade que, por sua natureza tende ao bem, se tornar deficiente, é signal evidente que de alguma forma contribuiu, visto que a sua tendência se manifestasse por si e espontaneamente. Por, esta fragilidade provoca um estadio dantio em um mais fraco aspirante, que antes de qualquer provisão e ainda num com elle, o arrasta ao mal e multo mais se um insensibilizado ou surinacional.

Dá-se o nome de automatismo a um conjunto de hansenias conquisitas e adquiridas, as quais, no estado normal, permanecem sob a fiscalização da consciência. A consciência e os poderes inhibidores da vontade.

Esses estados anormais das hansenias são invasões do campo da consciência, enciamando-nos as ideias e as imagens ruins que nela figuram, perturbando e tornando impossível a vida de relações práticas.

E' necessário, portanto, tomar todas as precauções afim de que não se possam verificar estas tumultuosas invasões por nossa própria culpa, timidez e falta de mortificação; porque o homem só perde a sua liberdade entrado por culpa própria e conscientemente em um estado anormal, no qual a vontade pertence a uns poderes inhibidores, de ocasião a que o automatismo prático ou physiologico se manifesta influindo pela imaginação, as paixões e os maiores instintos. E isto é a razão porque depois da tempestade, voltando ao seu estado normal, permanecem atônita e adormecida, como feste com excesso de sono de causa e com a menor excitação foresta se quem quer que seja, descanse e arrastar pelo mundo. Mas isto é enganho, porque tem consciência que passou por aquilo. Isto é enganho porque recorda-se que todo pensamento comunitado engorda um desejo e este desejo não combati-lo provoca um movimento que independente de vontade, cultiva o individualismo em um estado anormal, onde o automatisma se manifesta, a sua militância de um modo reflexo, velozmente, prosseguiu a sua marcha.

A intelligenzia é a facultade que nos faz conhecer e penetrar no sentido a natureza das causas, a qual <sup>de</sup> ~~mais~~ foi concedida por Deus, para que da conhecimento do mundo ~~invivivel~~, removessimo de do mundo ~~invivivel~~ e chegassemos a <sup>conhecer</sup> compreender, pela revelação os nossos deuses ipso eam Deus e os nossos semelhantes.

Não obstante isto, nos privamos da intelligenzia com fins muitas vezes contrarias aquelles pelo quais Deus nos a extorquiu, prejudicando-nos fez nos nossa proximidade. E com tanta ingratidão e temeridade, que ainda em cima, nos voltamos contra o Criador, como se elle fosse a causa de nossas qualidades pecando e dos males que nos opprimem.

E ainda assim, Deus havia por bem criar o homem e conservá-lo sobre a superficie da terra, circundando-o de todas as suas provisões que elle pudesse voltar a sua amizade e estado de graca.

E que, apesar de tanta ingratidão, que remontam aos dias paradiisos, apesar do homem ser uma partícula arraigada a esses imensos espacos, também elle entrava em uns planos divinos. Não porque previsse do homem para completar a sua gloria e felicidade, visto elle ser insuficiente a si proprio e um ser membro de sua natureza, infinitamente finíssimo e gloriosissimo.

Não obstante isto, porque era o homem a sua imagem e semelhança, o amava e se empregava em contemplar-a como a mais perfeita e formosa creatura que elle era sobre a superficie da terra.

E i por este motivo que o propheta, diante desta ingratidão do homem, se perturbava a elle, velamin chio de tempos e de o eraste, com prazer diffunca u. multante aos amigos.

*Cap.* Sobre a mutua e relativa dependencia  
entre a alma e o corpo. 27

Conquanto a vida organica e inorganica, no homem, lhe seja comunicada e mantida pela alma; principio principal da vida e actividade do ser humano; todavia, tanto o homem animal como o racional, exerce, no individuo, as suas funções independentemente um do outro, quanto as operações que têm por sujeito a alma humana e em o corpo animada pela sua ação.

E se, em prática, não attribuimos nem ao corpo nem à alma, as operações correspondentes á estas duas substâncias; é porque estas se realizam na unidade do ser, de qual resulta uma lucira substância, isto é, o homem.

Segundo - se dagui, que nem tudo o que se passa no homem, pode-se-lhe atribuir ao homem como tal. Porque, muito embora alguns actos sejam elaborados pelo homem inferior ou pelo inferior; ha vezes, porém, que estes actos, não se podem atribuir à personalidade humana; porque, conquanto sejam actos do homem; com tudo, não são actos humanos, por falta de reflexão ou divida impossibilidade phisica ou moral para impedir - os. Como acontece com os alienados e os impulsionados, num momento de delírio ou delírio paroxíssimo, produzido por uma causa phisica ou moral.

Não se daria tais aberrações, se nos primos pais não tivessem pecado e fossem confirmados no estado de graça e restituidos em que haviam sido criados; porque, tendo Deus criado

o homem, com grande diferença, se  
multante aos anjos, o homem superior  
dominaria sobre o inferior; porque a  
ma vontade havia de estender-se  
empre à vontade divina; sacrificando  
se assim em admirável equilíbrio  
entre as tendências do homem animal  
e do racional.

E todos os esforços que, depois da culpa  
original, o homem faz para se accom-  
modar ao fim, pelo qual elle foi criado,  
sem fôr excepto proporcionar a si próprio  
as meios mais efeçazes, afim de que  
o homem superior, sempre impren-  
tado o inferior em todas as actas de-  
pendentes da sua vontade.

Pelo que, quanto mais, na presente eco-  
nomia, augmentarem estes esforços, tanto  
mais o homem approximase a esta  
purificação de J. Christo, que sem temor  
de compassaçõ, infundir as virtudes  
e perfeições das nossas primarias paixões.

E estes esforços que antea causa não são  
senão a virtude, J. Christo exige de  
cada um de nós, afim de que, pela  
pratica do bem e uso dos sacramentos,  
nos sejam applicadas as mercimentas de  
sua vida, paixão e morte, sem as quais  
não podríamos merecer para a  
vida eterna nem reagirmos contra  
as seduções do mundo, da carne  
e de satanaz. —

A consciência é o conhecimento reflexo que o homem tem de uns actos tanto sensitivos como intelectuais, ainda que os sensitivos sejam provenientes das entidades nervosas e suas ações.

O homem, portanto, quando sente conscientemente, não só sente e entende, mas, além disto, levado de uma ação reflexa sobre seus actos sensitivos e intelectuais, conhece que sente e entende; isto é, tem consciência dos seus actos.

A consciência, segundo que se refere a conhecimentos sensitivos ou intelectuais, divide-se em consciência intelectual, propriamente dita, e em consciência sensitiva, aquela é comum com aquela psâmnum e animais.

A consciência sensitiva para o animal, constitui um conhecimento objetivo, porque elle não tem conhecimento reflexo, como o homem, de uns actos e operações; porque a alma do animal, pelo facto de non ser espiritual, não pode reflectir nem sobre si mesma, nem sobre uns actos ou operações. Daqui deduzimos que quanto o homem não está em condições de poder reflectir sobre si mesmo nem sobre uns actos, agia inconscientemente. ora, a inconsciencia psychologica grande perturbada, representa uns dos mais graves disturbios da vida da relação psychica.

E estas perturbações em qual, são produzidas pela idiosincrasia dolentia ou constenecia da alteração proveniente muitas vezes, de estados ários, mas principais ou doentes.

A consciencia psychologica divide-se em habitual e actual.

A habitual é o conhecimento que o individuo tem de si mesmo, sua existência e de tudo quanto nela se passa e fora dela.

A consciência actual é o conhecimento que elle tem das modificações ou operações que se dão em si no momento, em virtude da consciência habitual.

Quando o individuo perde a consciência habitual, não pode conservar o que anteriormente se passou em si nem em vista de si.

E quando alii disto, elle chaga a perder a consciência sensitiva, a sede de velas desaparece tanto <sup>to</sup> quanto o psychismo superior como o inferior. E neste caso elle vivia tão rompida na vida vegetativa em de nutrição, acumulhosa - e mais ia uma ~~lha~~ que a um ser humano.

E quando o homem que chaga a perder a plena habitual de Deus pelo contentamento la fe, elle procederia como se fosse um ser inconsciente, confundindo-se com as ira-cesmas. Mas elle é sempre enfraquecida se que se prove que elle perdeu um passado como um ser psychologicamente inconsciente.

A idéia tem o seu objecto correspondente, que é o objecto representado. Assim a idéia de homem, é o mesmo homem.

A idéia grande refira-se a objectos existentes não existentes; porém, possivelmente; para também refira-se as propriedades dos objectos em os corpos; e finalmente, as causas em das qualidades dos objectos em os corpos res.

A idéia não é limitada as partículas; mas se estende a todas as as objectos em a todos as causas por elle designadas. Assim a idéia do homem não se refere a este ou aquella homem, mas a todos os individuos pertencentes a especie humana. Seg. a idéia não é nem o objecto, nem a imagem do objecto, mas as noções em virtude das quais os mesmos objectos correspondentes são conhecidos. Tais causas seriam signos, a idéia é a representação mental do objecto.

A idéia for um processo inverso, para nos ter a imagens de objectos correspondentes e pela fantasia em via de imaginação, representar-nos como se estavam presentes a alma, como se estivessem os objectos nos nossos sentidos tanta no sono como na vigília, em virtude de um operador da ideoplastia, como mostrou o P. J. em um certo estudo amoroso.

Estas utras alternações resultam de fato fizer dentro ou se tenta fizer falso, se o objecto normal, que fazem com j. o homem. consequentemente a ideia de h. devido para faze de uma felicidade am. d. imperfeita e infeliz.

Cap. A força dynamica das ideias.

O dynamismo das ideias é tão evidente que negá-lo, seria o mesmo que negar o facto que o estiver confirmando.

Ele constitue uma força, porque toda ideia estimula pelo gosto, cada excepto aquela palavra, i' capaz de produzir uma modificação mais ou menos profunda em nos semelhantes à identidade a que experimentámos antes de a estimarmos.

E' baseado nesse facto que os grandes tribunos e oradores arrabiam o auditório e convulciam as multidões.

A força dynamica das ideias vai ainda mais longe, porque a cada pensamento, corresponde um movimento imperceptível que i' capaz de afectar tanto o pensamento superior como - a inferior.

Movimentos. E estes movimentos, não de tal natureza, que não se traduzem exteriormente que existe entre elles e os nossos órgãos correspondentes.

A educação moral consiste em fazer a relação de que nos comove em si, como nos intelligentes e dotados de vontade, subordinando estes movimentos aos dictames da razão iluminada pela fé. Puis, e' desta relação com relação a que i' somos em si, a nossa natureza que ~~comporta~~ manifesta a razão de ser e subordinar os movimentos a do cattigo.

Sem o dynamismo das ideias, ou a humana disposição de existir moralmente, e não obstante isto, elle continuasse a viver, não viveria; mas vegetaria, sustentado em sua órbita veloz e quase inenarrável, para logo desaparecer de scenario desta vida, descontado após de si um convicto testemunho de doloroso de sua passagem sobre a superficie da terra.

E' nascimento, portanto, de anteceder-nos com  
relação às ~~coisas~~ idéias embaladas, unidas  
propriedades ou interreladas, e ainda mais com  
relação a idas últimas, pelas imponentes  
máculas que elles podem trazer em massas  
numerantes, em virtude da sua força  
dynamica que elles em si exercem;  
porque a idéia, ~~esta~~ em força do seu  
symnismo, tende sempre a triumphar  
da intelligença e do conceito pelo  
mogia da palavra excepto a articulada  
longamente, a cada idéia corresponde  
em massa alguma um vestigo ou soma,  
que que permanecia gravado em massa  
memoria e que sempre voltaria ao respe-  
cto dalgum, impulsionando-nos a relí-  
tando ou ibam da ao mal e com  
mais frequencia ainda quando se  
tratava de mal; porque em quanto a  
contada, por sua natureza, tende ao  
bem, nestas occasões, nos subverremos  
mais facilmente do mal, pelas im-  
ponentes anteriormente experimentadas,  
as quais por sua vez deixaram em  
massa memoria traços indeléveis,  
que com violencia rompe crescente  
nas inclinações e precipitação no  
mal; estabelecia esta como segunda  
natureza adicional, aquela das mos  
de mau habito. —

||

Capítulo Aberrações da vontade.

E a liberdade sa facultade que tem o homem de se determinar ao bem ou ao mal; ainda que, em virtude das qualidades da sua natureza racional, elle só devia optar pelo bem.

Não obstante isto, elle tem muitas vezes ao mal; porque, não prenuncia com conhecimento evidente e universal da misericórdia de Deus, como o pôde já da sua existência; podera iluminar-se a agir em sentido contrário ao da sua vontade e inteligencia, violando a lei divina; muito embora, assim avise; não pôde dizer de o encontrar como seu Deus e de querer.

Segundo - n'aquei que conquanta o homem não pôde dizer de o conhecer e sentir - se inclinado a elle por uma necessidade interna; bastaria pôde dizer de reunir este sentimento abusando da sua liberdade de accão e de eleição; mas também porque o conhecimento que elle tem de Deus, conquanta inclinado pôla vidento divina, não é evidente como é o que elle tem da sua existencia e das criaturas que podem affetar as suas vontades.

E é precisamente esta circunstancia, que o leva muitas vezes a optar pelo mal; porque quanto elle tem as auctoritas, filha que elles possuem constituir o objecto da sua felicidade, minda que elle preveja que vai contra

a lei divina, pela intensa impressão e atração  
que elas exerceem sobre nossos sentidos, ar-  
rastando a nossa vontade em um momento  
de irresistível allucinação, que nos faz querer  
esquecer de Deus.

Se pudéssemos ver a Deus como vemos as  
criaturas, haveríamos sempre a ele, não  
só pela intelligença, mas também pela  
vontade, sem jamais declinarmos nem  
da verdade nem da justica.

Viv, porém, a Deus como vemos as crie-  
turas é impossivel; porque esta videntura  
constitue a visão beatifica, da qual  
não podemos gozar quando estivermos de-  
privados da templança e avarice.

Aunir é que todo homem que procede  
de um modo contrario a lei divina,  
abandonando sua liberdade, conspira  
contra a ordem preestabelecida pelo  
Creador, e por conseguinte, contra a  
propria felicidade, e faz-nos contra o  
ensinamento divino, se pela dor e daver-  
gimento, não recuperar a sua  
liberdade perdida.

Pelo que, aquelles que, como Paula,  
roubam ou sacrificam os mais preciosos  
e maiores instrumentos, embora estando elle,  
moralmente fundentes da evang., affra-  
rentarem que haviam perdido a  
sua liberdade, a conseguiram e a  
conservaram ate o derradeiro instan-  
to em que arrebatades a manus  
das festas e contemplaram de face  
a face.

Cap. O bom hábito adquirido.

Adquirido o bom hábito, sob noutro aspecto, devemos facilitar, colocando-nos em ocasiões perigosas, ainda que remotas e não necessárias, principalmente se pela experiência do passado, percebemos que contra as nossas intenções, podemos entrar em tentação, e voltar às misérias de outrora. Porque, como vedei com os males que depõem o nosso phísico, as readidas na pecada, costumam ser fatais.

Sijamos, pois, prudentes e previdentes em honra do perdão, talvez tão cheio de leviat, de humilhações e afflictões de espírito, e por outro lado, a paz e tranquilidade que presentemente gozamos, vivendo-nos de estâncias para nunca mais nos expormos aos perigos e embarracos de outrora, confiando e temendo sinceramente em nossas forças em na bom hábito adquirido, sobretudo tratando-se da castidade.

Não disto, devemos ter em mente, que depois de esta eleição o bom hábito, se o cultivarmos, procurando progressivamente o caminho que conduz a perfeição cristã, lá chegaremos com mais facilidade e contentamento, porque, todo dom de Deus é perfeito, e o dom principal da castidade é um das maiores e mais preciosas a qual Deus Nosso Senhor outuma considerando as almas doçinhas que lhe saca muita cura e que elle ameaça quando por caminhos muito elevados e que os conduzem ás extirrências da profecia e do seu amor.

E mesmo, portanto, que aquelas almas que foram favoridas com o dom da castidade, se apunhalem das

necessárias aperturas, para manifestarem  
a sua gratidão pelo designado avante e  
apenas de se unirem, cada vez mais,  
a Deus pelos vínculos da caridade, a qual  
tanto mais ha-de expandir-se em suas  
espaços quanto mais elles se aproxima-  
rem da pura dos espíritos.

O que verifica-se ha a proporção que  
elles formam o seguimento do involucrada  
materia, para se unirem mais  
intimamente com Deus.

E um dos meios mais eficazes e seguros, é  
a devoção a Maria Santissima, cuja pura  
e humildade, tanto agradaram a Deus,  
que a escolheu para sua Santa Mãe.

Depois do amor a J. Christo, é o amor  
a Maria Santissima, constante e profundo,  
que se deve manifestar em todos os  
nossos actos pela imitação, se mas prae-  
cias virtudes.

Tudo, pois, por amor a J. Christo e a Maria  
Santissima; tudo por amor a Jesus, nosso  
irmão muito amado e a Maria Santissima,  
nossa carinhosa Mãe; tudo por amor a  
Jesus, nosso amantíssimo Redemptor e a  
Maria Santissima, nossa protetora e in-  
signe adrogação; tudo por amor, numa  
palavra, ao Coração doloroso de Jesus e  
ao Coração immaculado de Maria San-  
tissima, nossa consolação, nossa vita,  
nossa esperança, no tempo e na eternidade.

estas manifestações se manifestam em nos de um em nossas semelhanças sobretudo tratando-se da pura d'âma e do corpo.

### Capítulo

#### Sobre os Paixões.

Quanto se use desta fala-vor para exprimir um movimento vehementemente em relação ao bem ou ao mal; talvezia, em seu sentido estrito, a paixão é uma manifestação action unívoca do appetite sensitivo. Não obstante isto, numa intima relação que existe entre a alma e o corpo, estas manifestações podem resundar no psychismo inferior; assim como, a d'este ultimo, podem reflectir-se no psychismo inferior, alterando-o mais ou menos profundamente, segundo a sensibilidade do individuo ou a intensidade das suas espíritus. Sejam o appetite sensitivo, também o appetite intellectual ou a vontade, tem os seus objectos correspondentes, e ha, entre estes, alguns que podem affectar o appetite sensitivo e o intellectual, ainda que de um modo muito diferente.

Daqui desejamos, que, passando a humum terder a um dado objecto pela inteligencia e pelo instinto animal; e necessario que este o appetite sensitivo, mas ainda o intellectual, quando, levado mais pelo instinto do que pelo razão, é movido indirectamente, pelo que ha

nelles de immaterial e fôrça impred-  
sional-a espiritualmente. Porque,  
dado, que este mesmo objecto possa  
por si affectar o seu psychismo  
inferior, elle seria daptamente attrac-  
hido.

Ora, como bem se vê, deve ser  
grande e constante o nosso cuidado,  
ainda que se trate de um objecto  
designado ás nossas tendências, tanto  
pelo ponto da alma como do corpo,  
pois, não contentando-se nessa  
natureza racional, se não em si; os  
mesmos, pelo mais uso un abuso ou  
porque são antagonistas ou, finalmente,  
porque são indiferentes com relações  
às tendências do psychismo superior,  
e accitâncias com relações ao psychism-  
o inferior ou vice-versa.

Não obstante isto, propriamente fal-  
hando, não é a alma que se  
dilecta, quando se trata de um  
prazer material, ainda que seja  
ella que no corpo sente; mas sim  
a physis informada pela alma,  
<sup>biologia</sup>, como sucede com os animais; a  
não ser que sejam o physis material,  
esteja ameno un gosto espiritual;  
pôr, a alma, fôr sua natureza,  
não tenduria ao prazer material,  
e não fosse arrastada pelo corpo  
que ella intalisa, porque ella  
participa da natureza das anjós,  
visto como elles se tambem uma  
substância espiritual, que pelo fredo  
de animar um corpo, chama-se  
alma.

Quem, portanto, propriamente  
faltaria, se dilecta, é o corpo  
animado pela alma; visto é, a  
homem. E a alma, nesse caso,

participa de ação material ou sua  
mão e porque consente. E i por  
este motivo que se ella não con-  
sentir, embora sinta com o corpo,  
não preza; porque ha no prazer  
material alguma causa que possa  
ser simples, grande affection da alma,  
enquanto o corpo animado pela  
mimna goza na sua mola.

Quem isto dizer, que a alma racional  
animando o corpo, ultra mas attribui,  
eis un attributo da alma do animal  
iracional, cujo logar, elle occupa no  
animal homum.

Mas o corpo do homum, age, empratica,  
e ruge em praticas, como o do ani-  
mal irrational animada por uma alma ma-  
terial, embora simples.

Convenidos os Santos da misericórdia  
de velar sobre estas tendencias, con-  
siguiram pela mortificação e a fuga  
das necessidades primitivas, dominar  
e vencer de tal forma as suas pa-  
nas e mais instintos, que se pare-  
ciam mais a anjos do que a seres  
humanos, sujeitos as tintas conve-  
guencias do pecado original e  
deram assim provas evidentes que  
era a graça do Altíssimo e os mesmos  
esforços, antes mesmo da resurreição  
da carne, e passível, de alguma  
forma mortal, viver-se da  
vida do espírito.

Capítulo Homen ou animal?

Que o acto conjugal representa uma parte integrante do matrimônio, compreende-a, tendo em vista o fim geral o matrimônio foi instituído, mas que este acto constitui uma necessidade fisiologica imprescindivel, sobretudo para aqueles que o desempenham praticamente, foi sempre para nos homens propriedade assumida; porque contraria a humana natureza racional da homem, porquanto não tem nenhuma os casos em que individuos, ainda meno ligadas possam vivenciar o matrimônio, por fins sobrenaturais e de mutuo acordo, renunciaram os mesmos direitos, praticando a continencia abstinuta.

Affirmar, portanto, que os actos proletrários constituem como necessidade fisiologica absoluta, seria confundir a tensão sexual natural com o acto, que elle se origenator; unir reluzir o homem as condições das suas irracionais, para as quais estas tendências traduzem uma lei fatal e instintiva, em virtude da qual os animais também, impulsionados por uma necessidade fatal e inherentes a sua natureza.

E' verdade que as fêmeas de sexos diferentes, como o bicho, sentem também este prazer, pelo meno facto de serem compostas de alma e de corpo, porém, este prazer não traz para elle uma lei fatal, porque a sua alma aliena de um alma racional, exerce pelas suas facultades superiores, um pleno domínio sobre as suas

faculdades inferiores.

E se me disserem que tem havido muitas pessoas inocentes e notáveis pelo seu perigo. d' alma e de corpo, as quais, não obstante isto, se curvaram diante das exigências desta lei. Pergonharmos que semelhantes factos, não confirmam esta acusação; mas sim que quem tem a perigo ou não foge das occasões, redigindo-as as condições do homem trivial, abanionada das resservas da sua própria natureza decabida. Porque a officia sentivada entre pessoas de uscos diferentes, produz degenerações em paisagens desordenadas, e de um momento para outro, precipita-las na morte.

E isto acontece quando se tem a certas manifestações de affeta, ainda que leves, mas que com o volver dos tempos, não de encontrar no phisico os seus correlatives, as quais constituirão os predromos de uma queda fatal e muitas vezes irremediável.

Cap. A tutarás violentas.

Nos tentacéis com tormentos muito  
ou muiros violentos, com profundas  
alterações da tua vital, com quanto  
muitas vidas o individualice parecem  
em conhecimento de que está  
fazendo ou do que se passa  
conseguiu manter; que se sempre  
apesa tempestade elle permanecia  
em um estado de angústia e  
insucesso com relâmpo a sua  
impotência; em vista da im-  
possibilidade de poder folgar ao  
certo, sobre quanto muiros con-  
relaciona ao seu pleno conser-  
timinta. E ate estab levar de  
seus assaz angustiosos e tumultu-  
osos fúrigos. Nelas casas,  
é necessário que o paciente volte  
toda a sua attenção para Deus, e  
procinda de tanto segredo que  
de alguma forma possa contribuir  
ainda que indiretamente para  
prolongar ou acudir a tenta-  
ção! E para talas as preceas  
que unem os mais fracos  
repedir estas tentações entri-  
buidas para elles, maximamente  
a pelo em puramente em  
algum modo habita algures,  
sempre que se nela muiros con-  
selhos procedem qual como  
uma multidão impulsionada  
ao lance mortal.

Os excessos, sós prazeres ainda que licitos tão muitas vezes saem da propriedade que a elles se dão. Porque há entre os costumes novos gencianos tão uma mística relação tão íntima, que quando um desses costumes é atingido efficacemente pelas suas objectos correspondentes, o outro se sujeita a de tal sorte que admite-se por solicitar o individuo no mal, ainda numo independente do seu combate. Se foga furamente censurado, fuzilado, quasi com fuerça no ilícito, e com tal impotenciade e desatenção, que, mais tarde, em condições idênticas, procurar o prazer furamente ansiado, como um mero para atingir o illícto, altruísticamente solicitado pela humana, se adaptacionado que exprimirem-se quando fulta formosura vez a sentir, e consentir. É a triste história de todos aqueles que se deem aos excessos dos prazeres ainda que licitos e honestos; poucos, suficientes para multas outras prazeres por elles ate certo desenbezados, quando menos praticamente.

Tanto era assim estreita as almas frustas e viventes, que fuzilaram com as manifestações exteriores, significando o morto effeto.

Morte vero tem efeito logo se dão impudentemente as certas práticas, e adaptam certos usos e costumes que reprobaram a moral e a physica que constituiram a moralidade e a comodidade apariçao das que se peçam e amorem, as virtudes muitas das convoluaram da malícia.

Consequências fatais de costumes  
nus e costumes criminosos.

A amputação de certos órgãos  
como o uso de certos medicamentos  
e miás mehanicos para evitá-las  
procriar, faz comigo consequen-  
cias bem tóxicas, e muitas vezes, aler-  
gias que afetam a sua feminilidade  
tais, estes usos e costumes criminosos.  
protagonizam na mulher os males opini-  
tos que se observam nos homens. Foi  
aí que surgiu o abuso das actas prolife-  
radoras.

As actas physiologico, sucede o  
erótismo mental, que leva o paciente  
a servir-se de mios anteriores a ma-  
tarca, no intento de suprir esta  
deficiencia produzida pela falta da  
amputação de certos órgãos e de des-  
seus animos.

Eles, neste caso, se vêem ás contrárias  
de uma moça que entrou em  
puberdade, e se não for o pessimo  
um perfeito conhecimento, pelo ma-  
tricionio, destas inclinações, se daram  
as práticas mais degradantes, como infes-  
tigando seu mundo com algumas  
destas infelizes criaturas, que antes desses  
usos e costumes criminosos, eram tóxicas  
como espacos modelo e mais carinho-  
sas.

Mas sobstante isto, em confirmação  
do que dissemos com referência ao mu-  
erotismo mental, se vêem com muita  
arte e dissimulação, procurando quanto  
é possível querer as conveniências  
meias, lancarão mão de todos os  
mios que de alguma forma possam  
fazer as suas indissociáveis delícias  
pela o seu erotismo mental.

Precavações monárquicas.

Quando, falo que experimentarmos, tivermos consciência que progredimos nas caminhadas do Senhor; no que não ha orgulho, porque é humildade reconhecer que todo bem que ha em nos é devido a uma mercê de Deus, nem a qual seriação vãos todas as nossas esforços.

Entanto, pois, chegarmos a esta quarta da vida espiritual, só nos restará procurarmos um prudente e sabio diretor espiritual, se por ventura ainda não o tivermos, ao qual entregaremos adincrição de nossas almas, com a mesma confiança com que o enfermo confia no escutápio a sua vida.

Em tal caso, toda nossa atenção, desde o inicio, da vida espiritual, devem voltar-se para o nosso amor próprio, solapando-o pelas fundamenteras, com a presunção de nesse se enjucar malicie, principalmente se ocuparmos posição saliente ou formos apresentado como personagens indisponíveis nos grandes acontecimentos. Pois, dentre todas as medidas, esta é sempre das mais seguras e eficazes para deturpar as intenções de os vinhotos do amor próprio que muitas vezes, sói apresentar - e revestido de um falso zelo para com a gloria de Deus e a santificação das almas.

Muitas são sim incorridas muitas fúrias piedosas, e não é muita difficulte conhecê-las, porque, em geral, elles tem muita apreço ás proprias opiniões e dão sempre a entender que querer agir de modo proprio, não admittir de absurdaeis contrarias aos seus planos ou modo de pensar.

Cap. A morsa d'alma.

A morsa d'alma, remotamente, é uma consequencia da culpa de origem, e proximamente, é ~~uma~~ effeito desestágios das precondas adquiridas em individuaes. E ha tanta analogia entre a morsa d'alma e do corpo, que não é raras vezes, se torna bem difficult definir-as. Pais assim como as effeitas da morsa do corpo redundam na alma; assim também as consequencias da morsa d'alma, se reflectem no corpo. A morsa do corpo é uma consequencia da falta de energia vital, determinada pelo intoxicacão, cuja privacão, produz um desequilibrio no perfeccãoamento do organismo, o qual produz as regras, etc. Tendo-se as facultades intelectuais, segundas que a intoxicação do organismo é mais ou menos profunda.

A morsa d'alma que é também devida à perda da energia da graça ou a falta das charismas concomitantes, produz n'alma um desequilibrio que perturba as das facultades superiores, o qual pode extender-se as facultades organicas, simulando, pelos mesmos ~~sorprendentes~~ caracteristicos, a uma versatilidade morsa de origem somática. Vae, disse J. Christo, a muitas enfermidades, por elle curadas, e não querias mais precer, afim de que não te necessaria causa priore. Tendo assim a entender que muitas doenças, têm a sua origem no pecado, que affectiona o principio superior, costumam residuá-las no inferior.

Dagu Gravíni deduzir a importancia do estudo sobre esta parte da Psychologia, para que não se venha a confundir os effeitos com a causa e vice-versa.

A morsa tanto d'alma como do

corpo, e sempre levada a uma consequência de violação dumha lei que rige a natureza, e qual não pode ser violada, sem que o individuo, mais cedo ou mais tarde, não venha a experimentar as suas efeitos. Assim é que tanta aquillo que não for consentâneo a natureza humana tanto por parte do homem racional como do animal, ha de manifestar-se necessariamente através da novose d' alma ou do corpo, comprometendo o bem estar material ou espiritual do individuo. Portanto, se o homem racional, não procurar conformar - se ao fim pelo qual foi criado, necessitará com elle o que se verifica em todo aquelle que vai de encantio as leis que regem a natureza. Com esta diferença que as consequências da violação das leis que regem o mundo phisico, tornam - se mais ou menos sensíveis; não sucedendo assim quanto se vale de encantio as leis que regem o mundo espiritual. E é por este motivo que aquelles que vivem sob a pressão da novose d'alma, podem aceitá - la, e ainda, não se preocuparem della; quando, redundando no phisico, não chega a prejudicá - los materialmente. Porque para aceitá - la que do estado agudo, passe ao estado chronicó.

E neste caso, em uns acessos, procura - rão amortecer a própria dor moral e suffocar os seus remorsos, entregando - se à embriaguez, aos prazeres vindaguis ilícitos.

Mas se elles não foderam - a fi, hão - de sentir sempre remordimentos a consciencia, e hão - de ter momentos uniques, e horrissandos do proprio estado, se esforçarão para arrivar carreira; ignoram em vão; porque, em virtude da propensa astúcia de suas almas, senti - se hão

exhaustos e quasi sem forcas para re-  
girem e se libertarem do abysmo em  
que o pecado os arrojou. Por quanto,  
elles se acham nas normas con-  
dicias do homem criado que,  
afusar de vir e ponderar o mal  
que faz a si proprio e aos seus ;  
apesar de conhecer os perigos  
a que se expõe e as vexames  
pelos quais tem passado; proce-  
gue, mas obstante isto, a em-  
briagar-se e a emburrar- se  
cada vez mais pelas verdades tor-  
tuosas ás quais o vicio imputado  
venduz.

Assim tambem sucide com  
os individuos que gemem  
sob o peso da morsa d'alma.  
Em todo caso para Deus nada é  
impassivel, principalmente se  
elle por alguns dias se affastar do  
mundo, para a si comutar com  
Deus fazendo os mesmos exercicios  
espirituais, ainda que, come-  
ralmente sucide, não se vista  
muito inclinado em virtude  
da profunda astúcia d'alma.

Quando o indivíduo, apesar da boa vontade e os finos propósitos, cede a certas tentações (principalmente com relação a própria pessoa), não obstante estar comprovado pela experiência do passado, que facilmente passaria de licito ao ilícito, é que se classifica. E entre as suas ambições ou invejas muitas poucas contíferas

intencionais

Em geral, tais propensões são provenientes de maus hábitos adquiridos em épocas remotas, e cujos efeitos há - u. de manifestar através da sua vida, apesar de arrependimentos temidos causados as suas culpas e mazelas.

São as consequências dos estygmas ou engrammas de estados anteriores à consciência armazenadas no inconsciente, e que, sopradas no estado normal, pela fiscalização da atenção e o poder inhibidor da vontade, nos estados anormais, suplantam a vontade intelectual, anotando e unindo depois do indivíduo se haver determinado em sentido contrário, em virtude da vibração da fraqueza e do automatismo fisiológico.

Phenômenos que não deixam de encantar de admiração e angústia; porque elle tem consciência de tudo que se passa com elle e se lhe basta perfeitamente que proceda com conhecimento de causa, mas não se lembra que quanto quis existir, a vontade tornou - u. deficiente porque pelo mesmo motivo os órgãos correspondentes habito adquiridos foi suplantada e arrasado pelo ego (superação, torres, etc.) ou pelo automatismo fisiológico. Elle agiu como um resultado da sua propria determinação fisiologica, ou seja, pulsional. unida nisto, no mesmo tempo que levaria um resultado de, e que muito em que elle se lembrava de se ligar a si, a vontade ou voluntade não suplantava para isso tanto se o resultado é descomposto. Pode ser que

mentos estando amarrado, grande  
gozo se q' burlase o non ator que a fogue  
as uoces, mas siendo acusado de haber  
matado arios animales. Elly pueste no  
se burlen p'non, veraderu se p'ncan  
en mi: inobediente m' i' tui facit.  
En lo de q' q'los alios q'g'na e de  
ello q' se estima q'no es culpado  
en causa: q'g'na. Mas sobre a  
culpabilidad, q'g'na a causa q'no  
se q'g'na en q'ndos estilos animales.  
En qual q'nero q'g'na q'no es im-  
broglio en m'nfacto e logo un q'g'na  
ello u'lo en q'ndos estilos animales,  
m'j' tanto ha tempo q' reflectiu en j'ni-  
taci; p'sonos q'f'f'nos q' q'g'na  
como un desf'or'nos q' que  
ha n'la alg'na frustulacion q' los  
facultades m'f'ctiles; mas seremos  
q' m'no q'g'na q'la p'nm'nta q'  
consequencias q'f'f'nos q'p'f'f'nos  
de certas actos, mas s'no a ma abu-  
m' p'ncan q'g'na. Secc'ria p'nto  
p'nto q' se trate de alg'na causa  
licido, q' q'no es m'f'f'nde; mas  
q'no p'nto q' se trate de q'quier q'lo  
m'condre q'f'f'nos q' p'nto  
q' se q'ndos q'ndos e trate de q'ndos  
m'ndos actos, p' q'ndos q'ndos  
contesta e arrepentida se confesione.  
En qual has q'ndos d'ns recorre  
se confesionario, hasta m'is  
p'nto q'ndos m'ndos q' p'nto con-  
triga q'f'f'no. Imaginales ellis  
no se consumere q' estan en  
una m'ndia com'ida e q' p'nto  
de una gracia especial e q'ne  
a p'nto com' constancia se  
l'm'nta, p' q'ndos q'ndos  
com' os p'ntos q' p'nto com'  
os p'ntos, mas p'nto tener  
desp'rriva de q'ndos.  
P'nto q'ndos h'ce una r'ca de recibido  
- de - q'ne con a val'ra los d'os p'ntos  
p'nto tener con'igo a j'nn'ro  
q'ndos q'ndos m'ntos.  
E' m'nto caso de ser condacnado a una  
muerte p' q'ndos q'ndos se p'nto e q'ne  
que convive con ellis.